

Tendências evolutivas do Português nas últimas décadas e possíveis consequências para o ensino do Português Língua Estrangeira

Maria de Fátima Viegas Brauer-Figueiredo, Universidade de Hamburg

Resumo

Segundo opinião generalizada, o estado actual da língua portuguesa – escrita e falada – é preocupante. Critica-se o desinteresse pelo bom uso da língua, a falta de conhecimentos gramaticais elementares, a incompetência de gerações de estudantes de todos os graus.

No presente artigo, partindo desses receios e críticas, após breves considerações sobre norma padrão e pluralidade de normas, apresentam-se algumas tendências evolutivas registadas nas últimas décadas no português falado e/ou escrito a nível fonético e fonológico, textual-pragmático, sintáctico, morfo-sintáctico e lexical.

Segue-se uma breve apresentação de nove obras destinadas ao ensino do Português LE ou L2 publicadas entre 1975 e 1997 em Portugal e na Alemanha.

Pode concluir-se que as tendências evolutivas observadas, reflectindo a realidade linguística portuguesa actual, terão de ser consideradas no ensino do Português Língua Estrangeira.

Abstract

There is a general feeling that the present state of the portuguese language – written and spoken – is worrying.

The indifference regarding the good use of the language, the lack of elementary grammatical knowledge and the incompetence of generations of students at all levels is to be criticized.

In this article and based on these fears and criticism, after brief considerations about standard and multiplicity of norms, we show some developing tendencies, which were recorded during the last decades in both the spoken and written portuguese, at phonetic and phonological, textual-pragmatic, syntactic, morpho-syntactic and lexical levels.

In the final part follows a brief presentation of nine works, intended for the teaching of the Portuguese as a Foreign Language or Second Language, all published between 1975 and 1997 in Portugal and in Germany.

We may, therefore, come to the conclusion that the developing tendencies observed, reflecting the present portuguese linguistic reality, will have to be taken into consideration regarding the teaching of Portuguese as a Foreign Language.

Introdução

1.1

Embora conscientes de que as normas linguísticas “vão sendo lentamente moldadas pelas comunidades, não pelos especialistas da linguagem” João Peres e Telmo Mória acentuam no Prefácio de *Áreas Críticas da Língua Portuguesa* (Peres/Mória 1995: 13), publicado em 1995: “a todo o momento deparamos com realizações linguísticas – orais e escritas – que possivelmente nunca receberão de uma comunidade linguística o estatuto de construções regulares”.

Nessa obra, Peres e Mória, baseando-se em material jornalístico recolhido entre 1986 e 1994, analisam seis tópicos linguísticos que consideram “áreas críticas da língua portuguesa”. Chamam-lhes “áreas críticas” por se tratar de “áreas da língua portuguesa que manifestam sintomas de uma “crise”, quer porque nelas se verificam movimentos de ruptura – em geral prenunciadores de mutações de norma – quer porque muito facilmente nelas se insinua o puro desvio a sugerir a existência de dificuldades (novas ou não) por parte dos falantes” (idem: 16). Mais adiante admitem que certos sintomas de evolução “possivelmente vingarão” (idem: 41).

1.2

No artigo intitulado “Da língua portuguesa e seu ensino”(JL 15.11.2000), o escritor José Saramago lamenta a “acelerada degradação que está corroendo a língua portuguesa” e recomenda que se tentem averiguar as causas e propor os remédios – “se ainda os há”, acrescenta. Interroga-se sobre as causas do “baixíssimo nível de conhecimentos e da confrangedora inépcia com que gerações de estudantes de todos os graus lidam com a nossa língua quando a escrevem e quando a falam.” Contrapõe aos “vagares da História” e à “rudimentaridade das técnicas de comunicação” do passado o momento actual: “A História, que antes não fazia mais do que andar, voa agora, e os actuais meios de comunicação de massa excedem, na sua mais simples manifestação, mesmo o poder imaginativo daqueles que, como o autor destas linhas, fazem da imaginação, precisamente, o seu instrumento de trabalho.”

1.3

Mais recentemente, no artigo “Alteração dos currícula. Contra o facilitismo” (JL/Educação 18.04.2001), Maria do Carmo Vieira critica “a falta de conhecimentos elementares dos alunos “nomeadamente em matéria gramatical básica, na leitura deficiente, nos erros inaceitáveis de ortografia”. Afirma que no final do 1º ciclo “muitos alunos não sabem ler, poucos ditados fizeram ..., redacções não constituíram tarefa prioritária, a conjugação dos verbos foi quase inexistente, a memorização amaldiçoada e a leitura não estimulada.” A autora pergunta: “Como se poderá falar bem, se a oralidade não tiver sido treinada, como se poderá escrever bem, se não se tiver exercitado diariamente a escrita, como criar o gosto pela leitura, se os estímulos forem diminutos?” E recomenda

que sejam alteradas as “estratégias de facilitismo, (falsa) pedagogia que nos vêm apregoando há vários anos.”¹

1.4

Teolinda Gersão, uma das escritoras que se pronunciam sobre o *Dicionário da Academia* (Expresso / Revista 7.7.2001: 63), termina as suas primeiras impressões afirmando: “Já não será pouco se cada país falante se preocupar com o bom uso da língua, no seu caso específico. Estou em crer que todos os países que falam português se preocupam com isso. Aparentemente, a excepção é Portugal, onde se sai das universidades a dizer e escrever coisas como “havam dois carros” e “deverão-lhe”. A nossa ignorância da gramática assusta-me (...).”

1.5

Destas breves considerações sobre a língua portuguesa deduz-se, pois, que nos últimos anos têm vindo a registar-se desvios da norma, dificuldades por parte dos falantes, incompetência de estudantes de todos os graus no domínio da língua escrita e falada bem como falta de conhecimentos gramaticais elementares, o que, em parte, poderá estar relacionado com as recentes “estratégias de facilitismo”.

2

O conceito de norma padrão e a pluralidade de normas

Entende-se por “norma” a norma padrão, a norma de prestígio social. Fixada pela escrita e codificada pelos gramáticos, é a utilizada pelo estrato cultural e politicamente influente, é a norma prescritiva.²

Em 1721, Jerónimo Contador de Argote opunha à variante culta, à norma, uma variante rústica,

“hum modo de fallar a lingua Portugueza mao, e viciado (...) e delle usa a gente ignorante, rustica, e incivil, e della he necessario desviar aos meninos bem criados”.

As diferenças entre ambas manifestavam-se “na pronuncia, nas palavras, e no modo de fallar a lingua Portugueza”.³

No dizer de Paiva Boléo, em 1954, linguagem corrente é

“a linguagem normalmente correcta entre pessoas da classe média dotadas de certa instrução, quer adquirida directamente nos livros, quer assimilada pelo convívio;” (Boléo 1974: 268)

linguagem popular é “a que fala o povo iletrado, em especial das aldeias” (idem: 275).

Lê-se em 1984, na *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, que o facto de a língua estar

“fortemente ligada à estrutura social e aos sistemas de valores da sociedade conduz a uma avaliação distinta das características das suas diversas modalidades diatópicas, diastráticas e diafásicas. A língua padrão, por exemplo, embora seja uma entre as muitas variedades de um idioma, é sempre a mais prestigiosa, porque actua como modelo, como norma, como ideal linguístico de um comunidade. Do valor normativo decorre a sua função coercitiva sobre as outras variedades, com o que se torna uma ponderável força contrária à variação” (Cunha/Cintra, 1984: 3-4).

¹ Cite-se como exemplo da pedagogia de outrora, um episódio de carácter autobiográfico no romance de Vergílio Ferreira *Na tua face*: “Quando eu andava no liceu havia lá um professor de Português que se irritava muito por falarmos atrapalhado e comermos as sílabas. Porque é que comes as sílabas, meu menino? Não tomaste o pequeno-almoço? E ria muito para ter graça. Fazia a pergunta em todas as aulas e um dia perguntou ao Severino, que era repetente e muito malcriado e já tinha ouvido a pergunta outras vezes, e ele disse somos um povo carecido e comemos as sílabas por necessidade. E aí o professor deu urros e pô-lo na rua com uma falta de castigo mas não voltou a perguntar.” (Ferreira, 1993: 23)

² Ver também Cunha/Cintra, 1984: 5-8

³ Ver Brauer-Figueiredo, 1999: 13

Ora a concepção da língua como um diassistema é relativamente recente (Brauer-Figueiredo, 1999: 14 e Cunha/Cintra, 1984: 2-4).

Seguindo os fundamentos teóricos apresentadas por Koch e Oesterreicher em 1990 em *Gesprochene Sprache in der Romania: Französisch, Italienisch, Spanisch* (Koch/Oesterreicher 1990: 13-16), proponho a seguinte esquematização do diassistema do Português europeu:⁴

Diassistema do Português europeu

Variedades diafásicas	Formal Corrente Informal Coloquial
Variedades diastráticas	Culta Popular Vulgar
Variedades diatópicas	Mirandês Falares continentais Madeirense Açoriano

3

Estudos sobre o Português Falado

Verifica-se na parte introdutória ao presente artigo que todas as referências à língua portuguesa abrangem o português escrito e o falado. Justifica-se pois uma breve alusão a estudos sobre o Português Falado, que, ao contrário do que acontece com estudos sobre Dialectologia, são ainda escassos (Brauer-Figueiredo, 1999, 10-13).

Em 1987 foi publicado pelo Centro de Linguística da Universidade de Lisboa *Português Fundamental. Métodos e Documentos*, “pensado em 1964 a partir da elaboração do Francês Fundamental e implementado oficialmente em 1970: o objectivo era gravar o português falado espontaneamente em situações vulgares do dia a dia” (Nascimento/Marques/Cruz, 1987, II,1: 3 e 35). De 1971 a 1974 foram gravadas 1.800 entrevistas e finalmente escolhidas e transcritas 1.400, correspondendo a 500 horas de gravação (idem: 79-309). As autoras chamam a atenção para um preconceito relacionado com o português falado: confundi-lo ou identificá-lo intuitivamente com uma das variedades do diassistema (idem: 34-35).

Em 1975, Casteleiro analisou 45 entrevistas do Português Falado feitas com analfabetos ou pessoas apenas com instrução primária, publicando os resultados no estudo “*Aspectos da sintaxe do português falado no interior do país*” (Casteleiro 1975: 57- 74).

Em 1999 foi publicado na Alemanha *Gesprochenes Portugiesisch* (Brauer-Figueiredo, 1999, 476 pág.), um estudo sobre o Português falado, segundo os modelos teóricos apresentados em 1990 por Peter Koch e Wulf Oesterreicher em *Gesprochene Sprache in der Romania: Französisch, Italienisch, Spanisch* (Koch/ Oesterreicher 1990, 266 pág.). Nesse estudo, são descritos e sistematizados fenómenos do Português falado, diferenciando entre aspectos universais da língua falada e aspectos específicos do Português falado. *Gesprochenes Portugiesisch* baseia-se num corpus de 155.000 palavras recolhido entre 1984 e 1994, constituído por entrevistas feitas no meio rural e no urbano, por debates, conferências e seminários em que participaram professores universitários e escritores bem como por gravações de entrevistas e debates televisivos.

⁴ Em 1992 apresentei pela primeira vez uma esquematização reduzida, que se destinava a um estudo sobre o Português falado. (Ver Brauer de Figueiredo, 1993: 109-110 e Brauer-Figueiredo, 1999, 14-15. Ver também Koch/Oesterreicher 1990: 146-147, 187 e 220)

A análise desse corpus do Português falado permitiu

- detectar tendências evolutivas a nível fonético/fonológico, sintáctico e morfo-sintáctico
- provar que alguns fenómenos tradicionalmente incluídos na variedade diastrática pertenceriam à variedade diafásica.⁵

4

Tendências evolutivas a nível fonético e fonológico

4.1

Tendências evolutivas no português falado

A velocidade de elocução e uma articulação pouco cuidada, características universais da língua falada, originam no português falado realização nula de vogais átonas, assimilações consonânticas, elisões, reduções ou mesmo a supressão de sílabas.

Todos esses fenómenos foram detectados na análise do corpus de *Gesprochenes Portugiesisch*. Na maior parte dos informantes registou-se em alguns casos uma pronúncia oscilante: ao lado da articulação cuidada, correspondente à norma, uma descuidada – marcada diafasicamente mas não diastraticamente, como tradicionalmente tem sido considerado.⁶

Registaram-se, por exemplo, variados casos de aférese: *'que* (“porque”), *'pois* (“depois”), *'pere/m* (“espere/m”), *'inda* (“ainda”) e, com grande frequência, em formas do verbo “estar” (*'tou*, *'tivemos*, etc.).

Na *Gramática da Língua Portuguesa* (Mateus/Brito/Duarte/Faria., 1989: 363-364), as autoras afirmam no capítulo “Reforço e redução de vogais”:

“as sílabas átonas iniciais como as de *estou* e *espera*, fracamente perceptíveis, são suprimidas normalmente no registo oral”.

Contudo, tanto no corpus do *Português Fundamental* como no corpus analisado em *Gesprochenes Portugiesisch*⁷, predominam nesses casos as realizações correspondentes à norma - para formas de *estar*, a frequência no corpus *GP* foi de 0,52% e 0,37%, respectivamente (Brauer-Figueiredo, 1999: 52).

No que respeita à preposição *para*, predominam as realizações não correspondentes à norma; foi a seguinte a percentagem registada no corpus *GP* : 0,36% (*para*), 0,41% (*p'r'*) e 0,31% (*p'*) (Brauer-Figueiredo, 1999: 54).

No corpus *GP*, a realização de *também* com assimilação consonântica é inferior à realização correspondente à norma (0,11% e 0,48% respectivamente); regista-se contudo em falantes de todos os níveis de instrução. No caso de um professor universitário foi possível verificar a frequência de ambas as formas em três situações distintas: numa conferência realizada na universidade, num seminário dirigido a estudantes universitários e num debate televisivo. As respectivas frequências foram: 0,29%, 0,18% e 0,55% (*também*) contra 0,03%, 0,23% e 0,0% (Brauer-Figueiredo, 1999: 53).

A análise do corpus permitiu detectar a redução frequente de *ou* e *ao* a *ó*, bem como de *com* a *cu'* ou *cum* a ainda a realização nula das vogais átonas *e* e *o* em posição final.

Este último fenómeno, cuja frequência foi muito elevada, está comprovado por análises experimentais; normalmente, porém, o falante não tem consciência de que não realiza essas vogais.

Confirmando os resultados da análise do corpus, tenho vindo a observar no português falado uma tendência crescente no uso das formas não correspondentes à norma, também em programas televisivos e radiofónicos e até em situações mais formais – em conferências, congressos e mesmo no ensino universitário, por parte de estudantes e professores.

⁵ Aliás a passagem de fenómenos da variedade diastrática para a diafásica é um sinal de mutação linguística. Ver também Koch/Oesterreicher 1990: 147

⁶ Ver Brauer-Figueiredo, 1999: 48 e 54; e também todo o capítulo 6 (“Das gesprochenes Portugiesisch im phonologischen Bereich”), 47-55

⁷ Que passaremos a designar respectivamente por corpus *PF* e corpus *GP*

Dois fenómenos do português falado relacionados com a faixa etária dos falantes não foram analisados no corpus *GP*:

Uma alteração fonética: a substituição do *r* dental pelo *r* velar. Essa alteração, que partiu da variante lisboeta, da variante de prestígio utilizada e propagada pela televisão e pela rádio, verifica-se de forma generalizada na faixa etária abaixo dos 30-35 anos; apenas em zonas rurais perdura ainda a realização dental.⁸

O outro, a anulação da oposição entre o *a* aberto e o semi-fechado nas primeiras pessoas do plural do presente e do pretérito perfeito simples do indicativo, é originado sem dúvida por influência da variante brasileira. Tenho vindo a observar este fenómeno no português falado pelas camadas mais jovens, com tendência crescente.

4.2

Tendências evolutivas no português escrito

Nos últimos anos tem vindo a verificar-se uma entrada gradual no português escrito de fenómenos característicos do português falado, desviantes ou não da norma. Refiro-me essencialmente a textos jornalísticos⁹ e a trabalhos escritos apresentados por estudantes universitários¹⁰.

A ocorrência em textos jornalísticos de fenómenos do tipo exemplificado em seguida, permitirá talvez concluir que esse fenómeno possa ser já de aceitabilidade generalizada. Por outro lado, a oscilação entre o registo gráfico (normativo) e o registo fónico poderá também ser sintoma de insegurança por parte dos utentes da língua.

Exemplifica-se de seguida, marcando a negro o fenómeno verificado:

1. “E no caso **da** rapariga **ser** como eu imagino que é, mais uns tempos e divorcia-se,” ... (Visão, 21.12.2000, Crónica, *Importas-te de me deixar em paz?*, António Lobo Antunes)

Veja-se, porém, na mesma crónica: “... e no caso **de** ele se separar não me cheira que seja a mesma coisa com a garota, ...”

2. JL – “Apesar **da** guerra **ter** terminado no início da década de 90 e **a** realidade social **ter** melhorado nos últimos anos, o problema da educação continua a ser um problema grave.” (JL ENTREVISTA 21.3.2001, Entrevista a Paulina Chiziane)

Contudo, na mesma entrevista, numa das respostas da entrevistada, o registo é feito segundo a norma gráfica: P.C. – ... “talvez porque escrevo já depois **de** a guerra ter terminado.”

3. “Vim trabalhar **para a** esta casa justamente por causa da literatura infantil.” (JL/Educação, FIGURA, 18.4.2001, Luísa Ducla Soares: *O segredo de bem comunicar*; Maria João Martins)

Repare-se neste caso na identidade fónica entre “para a esta” e “para esta”.

4. “Mas Goulão diz ter aceite participar na reportagem – foi a ele que coube as explicações das várias fases da ressaca por que João passou porque foi colocada a tónica na ideia **da** desabitação **ser** apenas a primeira fase.” (Público 12.7.2001, Catarina Gomes, *Desabitação de toxicodependente registada em livro*)
5. “Apesar **da** empresa **estar** registada e licenciada, e **um** dos elementos do bando **ser** inclusivamente mergulhador profissional, não foi localizada qualquer cassete de vídeo.” (Público 12.7.2001, Ricardo Dias Felner, *Cocaína apanhada em material de mergulho*)

Seja-me permitida, a finalizar, uma alusão a mais uma tendência generalizada observada em textos jornalísticos, literários e também em textos produzidos por estudantes universitários: a tendência para

⁸ Mateus, Brito, Duarte e Faria afirmam: “A consoante velar representada por [R] é a vibrante que se encontra na norma-padrão do Português europeu; em alguns dialectos existe uma variante dental, a vibrante múltipla que se representa por[ř]”. (Mateus/Brito/Duarte/Faria, 1989: 353). Em Cunha/Cintra lê-se: „A antiga vibrante alveolar múltipla mantém-se ... viva na maior parte de Portugal“ (Cunha/Cintra, 1984: 46)

⁹ Seleccionámos para a amostragem textos lidos recentemente em Visão (21.12.2000), Jornal de Letras (21.3.2001, 18.4.2001), Público (12.7.2001) e Expresso (21.7.2001)

¹⁰ Por exemplo, no que respeita à anulação da oposição entre o *a* aberto e o semi-fechado, pude verificar e foi-me também confirmado que a anulação dessa oposição já se verifica algumas vezes no português escrito, por parte de estudantes universitários

uma pontuação “livre”, ou seja, não sujeita a regras. Relacionada com aspectos prosódicos do Português, a pontuação do texto escrito só consegue reproduzir aproximadamente a língua falada; contudo, tradicionalmente regia-se por regras a que era necessário obedecer.¹¹

5

Tendências evolutivas a outros níveis

5.1

Nível textual-pragmático: Sinais de imprecisão

O emprego de sinais de imprecisão, um fenómeno universal da língua falada, no português escrito, é um fenómeno recente. Recordemos que o falante utiliza esses sinais no discurso oral quando desiste da conclusão do enunciado planeado, ou por não ter interesse, por não ser necessário, ou por não o conseguir (Brauer-Figueiredo,1999: 155-173 e Koch/Oesterreicher 1990: 64). No português falado há uma grande variedade desses sinais; no corpus *GP* foram registados 87 sinais diferentes.¹² Contudo, os Dicionários apenas registam um ou outro.

Encontrei exemplos em dois dos textos jornalísticos seleccionados:

1. "... Começa-me para aí a pedir, a exigir, a fazer cenas, quero que largues a Amélia, quero que venhas para aqui, quero que mores comigo, **quero isto, quero aquilo**, e, resumindo, a minha vida estragada.” (Visão, 21.12.2000, Crónica, *Importas-te de me deixar em paz?*, António Lobo Antunes)
2. P.C. – “... Quando chego à cidade foi um choque. Não se pode atravessar a estrada, passar para o outro lado da rua, acender uma fogueira ou voltar tarde a casa, **“não se pode isto não se pode aquilo”**.” (JL ENTREVISTA 21.3.2001, Entrevista a Paulina Chiziane)

Neste último, a redacção do jornal usa aspas para a reprodução do fenómeno do português falado, o que não acontece no exemplo anterior.

5.2

Nível sintáctico

5.2.1

Reprodução do discurso directo

A reprodução do discurso directo através do próprio discurso directo é um fenómeno universal da língua falada. Evita-se a integração sintáctica, possibilitando mesmo a reprodução de interjeições, onomatopeias, vocativos, imperativos. O discurso oral torna-se, pois, mais expressivo. Em 1975, no estudo baseado nas entrevistas de Português Fundamental, Casteleiro considera a reprodução do discurso directo através do discurso directo característico da linguagem popular, portanto marcado diastraticamente (Casteleiro, 1975: 63).

No corpus *GP* esse fenómeno foi registado com grande frequência, indistintamente em falantes de todos os níveis de instrução e até em situações mais formais, por exemplo conferências e debates (Brauer-Figueiredo,1999: 281-291).

¹¹ Na *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, o capítulo sobre Pontuação abrange ainda 25 (!) páginas (Cunha/Cintra, 1984: 639-664). Em *Da Palavra ao Texto*, lê-se: “Os sinais de pontuação são signos indispensáveis à compreensão dum texto escrito. São convenções que clarificam o sentido e reforçam a expressividade do texto”. (Figueiredo/Bizarro,1994: 156)

¹² Remete-se para a lista em Brauer-Figueiredo, 1999: 157. Franco denomina os sinais de imprecisão “estruturas frásicas abreviadas” (Franco, 1997: 56)

Com alguma surpresa, tenho vindo a verificar o aparecimento desse fenómeno da língua falada em toda a espécie de textos jornalísticos, o que não acontece, por exemplo, na imprensa alemã com este e outros fenómenos da língua falada.

Exemplifico com extractos de uma crónica (nº 1, Visão, 21.12.2000, Crónica, *Importas-te de me deixar em paz?*, António Lobo Antunes), de uma entrevista (nº 2, JL ENTREVISTA 21.3.2001, Entrevista a Paulina Chiziane) e de um texto a propósito de uma exposição histórica (nº 3 e nº 4, Expresso / Revista, 21.7.2001, p. 49 e 50, “[José de Guimarães] 40 anos de criação”, Texto de Rui Têntugal)

1. “... Enquanto o Alfredo estiver casado não existem problemas: temos as três horas do futebol, ouvimos o relato no rádio, acaba o jogo e
- Pronto, boneca, tenho de me ir embora antes que me apanhe aqui
e a Eunice, sabendo que o marido e eu somos mais do que irmãos e que detestaria magoá-lo, compreende. ...”
2. ... e encontro-me com uma mulher que ria, comia as suas bolachas, estava feliz da vida. Converso com ela **e ela diz-me assim: “Eu perdi o meu marido e seis filhos na guerra e estou sozinha”**. Olhei para ela e vi que continuava a rir e a comer as suas bolachas. ...
3. Começa aqui a sua história artística. Além de ter lições de pintura com Teresa de Sousa e de desenho com Gil Teixeira Lopes, “logo no meu primeiro ano em Lisboa entrei para a Sociedade Cooperativa de Gravadores Portugueses e isso foi o começo da minha carreira. ... Era uma cooperativa livre, de pesquisa, de investigação.” Foi nesse local que se deu o encontro com Almada Negreiros. ...
4. Em Portugal a situação também era complicada. “A seguir ao 25 de Abril, eu e muitos artistas tivemos uma bolsa da Gulbenkian (a sua foi para investigação em serigrafia fotográfica). Não havia galerias. Percebi que tinha que sair do país para poder espalhar e mostrar a minha arte. ...”

Repare-se que no exemplo nº 4 os constituintes que surgem entre parêntesis nem foram sintacticamente integrados.

5.2.2

Parêntesis oral

Durante a formulação do discurso, o falante introduz com frequência alterações no planeamento previsto, inserindo espontaneamente o que lhe ocorre num momento e continuando de seguida o discurso como estava planeado – é o que se designa por parêntesis oral (Brauer-Figueiredo, 1999: 242-255). Obviamente, este fenómeno pode originar anacolutos – prováveis e possíveis no português falado.

Seguem-se três exemplos registados no corpus *GP* (Brauer-Figueiredo, 1999: 244, 245, 253):

1. ... há uma coisa *qu’* eu lhe posso dizer é que *s’ i* eu perder a eleição ou – **o que espero que não aconteça** – pois naturalmente continuarei a ter uma actividade política ao nível em que um antigo candidato à Presidência da República deve ter actividade
2. ... já agora uma das ligações do ponto de vista estrutural que eu gostaria de fazer – **recordam-se que ontem quando falámos / e iremos retomar essa questão** – eh falámos da questão da história e da ficção e ...
3. ... não é nada mau pois não, há pessoas que dizem que – **e então onde são dois reformados já se sabe que é uma continha boa** – eh há pessoas que dizem que *num* chega; *num* chega, eu digo “não chega para quem quer grandezas”

Tenho vindo a registar em textos jornalísticos uma tendência crescente e generalizada para a entrada de “interferências” do português falado na reprodução (escrita!) de entrevistas. Veja-se um caso em que o anacoluto originado pelo parêntesis oral aparece reproduzido na versão escrita.

4. P.C.: Eu sei lá. Eu quando falo de moçambicanidade é no sentido de as pessoas que estão dentro de uma terra – **dentro de um contexto histórico e cultural** – devem dialogar com ela, falar com ela para não a esquecer. (JL ENTREVISTA 21.3.2001, Entrevista a Paulina Chiziane)

5.2.3

Frases elípticas e fragmentárias

Também estas formas reduzidas de expressão oral, um fenómeno universal da língua falada, são características do português falado.¹³

Verifica-se com frequência crescente o seu aparecimento no português escrito.

Seguem-se exemplos extraídos de uma obra de ficção (nº 1, Moura, 1995: 158) e de uma crónica publicada numa revista semanal (nº2 a nº5, Visão, 21.12.2000, Crónica, *Importas-te de me deixar em paz?*, António Lobo Antunes):

1. Percorro ansiosamente os jornais. **Nada**. Passo o santo dia num alvoroço a escutar, de meia em meia hora, os noticiários da rádio. **Nada**. (...) **Nem sinal**. Não me digam que o Dr. Cunhal não escreveu a missiva. Ele há cada ingratidão!
2. Não é que não acredite no Alfredo: nascemos na mesma rua, a mãe dele não fazia diferença entre nós, quer dizer se lhe dava uma palmada dava-me outra a mim também, **e depois a mesma escola, a tropa no mesmo quartel, o mesmo emprego,**
3. E no caso da rapariga ser como eu imagino que é, **mais uns tempos** e divorcia-se, e ao divorciar-se ...
4. ... **E isso, santa paciência, não.** ...
5. ... Começa-me para aí a pedir, a exigir, a fazer cenas, quero que largues a Amélia, quero que venhas para aqui, quero que mores comigo, quero isto, quero aquilo, **e, resumindo, a minha vida estragada.** ...

5.3

Nível lexical e semântico: Diminutivos, fraseologias e coloquialismos

Sendo o uso de diminutivos bem como de fraseologias e coloquialismos característico da língua falada (Brauer-Figueiredo, 1999: 347-373 e 377-378), o seu aparecimento cada vez mais frequente no português escrito pode causar alguma surpresa. Recordemos que em Portugal esses fenómenos têm sido tradicionalmente incluídos no geral na variedade diastrática e só parcialmente na variedade diafásica.¹⁴ A análise do corpus *GP* permite confirmar a passagem desses fenómenos para a variedade diafásica.¹⁵

Seguem-se alguns exemplos registados no corpus *GP*, todos eles verificados em falantes pertencentes ao estrato “cultural e politicamente influente” (Brauer-Figueiredo, 1999: nº 1, 351; nº 2, 355; nº 3, 359; nº 4, 360; nº 5 a nº 7, 379):

1. agora uma Academia que não sabe sequer chegar ao fim da letra “a” um dicionário que começou já há 30 anos eh **‘tá a pôr o carro à frente dos bois** se agora quer alterar as letras ...
2. sou das pessoas que tenho a impressão que mais trabalha **nesta santa terra** e *‘tou* velho
3. nós estamos a falar da ortografia para **espairecer** um **bocadinho**
4. o meu mestre Dr. Ventura dava-lhe um chumbo **chapado**

¹³ Remeto para Brauer-Figueiredo, 1999: 208-212, Müller 1988: 307, Innhoffen, 1992: 375

¹⁴ Na sua *Gramática* de 1540, Barros dá a seguinte definição de “nome diminutivo”: “é aquele que tem alguma diminuição de nome principalmente donde se derivou, ... mais por vontade do povo que por regra de boa Gramática.” (Barros, 1957: 75)

¹⁵ Chamo a atenção para os 475 exemplos seleccionados em *Gesprochenes Portugiesisch* (Brauer-Figueiredo, 1999: 347-373 e 379-387)

5. eu posso fazer aqui uma **pequenina** intervenção *qu' i* é relativamente a isso que o Aníbal acabou de dizer?
6. e o Prof. António Gomes tem um já **prontinho** para nós comprarmos
7. ó Miguel só um **bocadinho** Miguel por favor

Observemos agora exemplos registados no português escrito (n° 1 a n° 6: Visão, 21.12.2000, Crónica, *Importas-te de me deixar em paz?*, António Lobo Antunes; n° 7: Moura, 1995: 158):

1. O jipe é **novo em folha e deu em** rondar, de há uns tempos para cá, o prédio do Alfredo. ...
2. ... difícil é ser irmão, ser parente **é canja**...
3. ... e no caso de ele se separar **não me cheira** que seja a mesma coisa com a garota, derivado à diferença de idades e de gostos, para além de não imaginar a Amélia a passear-se no jipe derivado à coluna. **E depois** há a mulher do Alfredo. ...
4. ... Começa-**me para aí** a pedir, a exigir, a fazer cenas, quero que largues a Amélia, quero que venhas para aqui, quero que mores comigo, quero isto, quero aquilo, e, resumindo, a minha vida estragada. ...
5. ... E isso, **santa paciência**, não. ...
6. ... mas gosto de dar **o meu passeiozinho** durante o jogo da bola. ...
7. Percorro ansiosamente os jornais. Nada. Passo **o santo dia** num **alvoroço** a escutar, de meia em meia hora, os noticiários da rádio. Nada. (...) **Nem sinal**.

5.4

Nível morfo-sintático

5.4.1

Pronome *ele* expletivo

O “*ele* expletivo” utiliza-se com frequência no português falado (Brauer-Figueiredo, 1999: 239-445).

A existência desse pronome é mencionada em estudos dialectológicos, em gramáticas e em dicionários.¹⁶ A construção – marcada diastraticamente, segundo a opinião generalizada¹⁷ – é utilizada cada vez com maior frequência e julgo poder afirmar que passou definitivamente para a variedade diafásica.

Nos finais dos anos 90 registei pela primeira vez a sua ocorrência em textos jornalísticos e também numa obra de ficção:

1. **Ele** é chuva, ele é trovoada, ele é arrefecimentos nocturnos, mesmo à hora de jantar em esplanadas ... („Disse ‚Verão’”, António Costa Santos, Expresso, 16.8.1998)
2. **Ele há** episódios caricatos („Retratos das paixões pelo golfe“, Expresso, 29.8.1998)
3. Percorro ansiosamente os jornais. Nada. Passo o santo dia num alvoroço a escutar, de meia em meia hora, os noticiários da rádio. Nada. (...) Nem sinal. Não me digam que o Dr. Cunhal não escreveu a missiva. **Ele há** cada ingratidão! (Moura, 1995: 158)

5.4.2

¹⁶ Ver entre outros Raposo, 1992: 482-483, 485; Vasconcelos, 1971: 122; Cunha/Cintra, 1984: 284; Vilela 1995: 167; Mateus/Brito/Duarte/Faria, 1989: 211-212

¹⁷ Lê-se em Cunha/Cintra, 1984: 284: „Na linguagem popular ou popularizante de Portugal aparece por vezes um pronome *ele* expletivo, que funciona como sujeito gramatical de um verbo impessoal, à semelhança do francês *il* (*il y a*)”. E em Vilela, 1995: 167, lê-se no capítulo “Pronomes pessoais” acerca deste *ele*: “Na linguagem popular ocorre um pronome *ele*, funcionando como um sujeito de verbos impessoais, com forte ênfase e de sabor nitidamente popular.”

Construções relativas no português falado

À semelhança do Italiano, também no Português a diferença entre a língua falada e a língua escrita é considerável no que diz respeito ao uso do relativo *que* (Brauer-Figueiredo, 1999; 445-458 e D'Achille, 1990: 208). Um dos tópicos linguísticos seleccionados por Peres e Mória como “áreas críticas da língua portuguesa” foram precisamente as orações relativas (Peres/Mória, 1995:15). Os autores admitem que algumas dessas construções encontradas em textos jornalísticos são “generalizadas no discurso oral” ou estão “progressivamente a ganhar terreno” mas afirmam que a sua aceitabilidade ainda não está generalizada (idem: 269-340).

Na análise do corpus *GP* detectámos construções relativas que diferem das orações relativas do português normativo. Todas elas, indiscutivelmente, se devem à tendência para a simplificação, característica universal da língua falada. Trata-se especialmente de casos com supressão da preposição do constituinte relativo¹⁸, de subordinação relativa sem marcação de caso ou com marcação posterior e ainda de dificuldades com constituintes genitivos.

5.4.2.1

Supressão da preposição do constituinte relativo

Seguem-se alguns exemplos registados no corpus *GP* (Brauer-Figueiredo, 1999: n° 1 e n° 2, 447; n° 3, 448; n° 4 e n° 5, 449):

1. eu trabalho aqui na mesma companhia **que** trabalhava em Londres
2. veja por exemplo o caso do Presidente Pettini o que ele conseguiu marcar estes anos **que** foi Presidente da República a vida italiana
3. mas tenho um dia **que** começo às 8 e meia
4. acerca desse aspecto **que** estavam a falar ...
5. os comportamentos **que** assisti no decorrer dos últimos 10 anos divertem-me muito.

5.4.2.2

Subordinação relativa sem marcação de caso ou com marcação posterior

Moreira explica esta construção “da nossa linguagem popular”

“por uma tendência para a simplificação e generalização, tendência que resultaria de ser muito mais frequente o emprego do pronome *que* como sujeito e como complemento directo, isto é, não precedido de preposição” (Moreira, 1922: 45).

Independentemente do grau de aceitabilidade deste processo designado por “descumulação”, julgo poder afirmar que passou já para a variedade diafásica.¹⁹

Alguns exemplos registados no corpus *GP* (Brauer-Figueiredo, 1999: n° 1, 451; n° 2 a n° 6, 452):

1. *Sô'tor* uma outra questão que enfim me parece que um Presidente da República deverá ter alguma opinião sobre ela ...
2. há uma moça lá em Tou/ lá no rancho *qu'* a mãe teve / que teve-a com treze anos
3. ela trabalha numa data de casas numa é analista numa casa na Caparica que tem que lá ir todos os dias
4. ... todas as pessoas que lhe acabam as batatas e hortaliça ...
5. eu tenho lá um colega meu assim um senhor já de 50 anos que trabalhei com ele uma vez ...
6. são todas assim pessoas *qu' i* eu não gosto muito de conviver com elas

¹⁸ Casteleiro regista um *que* “com valor adverbial” “equivalente a “em que” (Casteleiro, 1975: 60)

¹⁹ Peres e Mória detectaram também este tipo de construções na sua análise de textos jornalísticos.

Em 1995, num Congresso de Linguística realizado em Lisboa, anotei as seguintes construções durante a intervenção de dois assistentes universitários:

1. É um problema **que** eu vou insistir um pouco **nele**
2. São importantes para nós as frases que vêm a seguir e **das quais** já começámos a trabalhar **nelas**

Em Moçambique, estas construções foram detectadas em “falantes adultos e instruídos” e consideradas “típicas de uso do português em Moçambique desviantes relativamente à norma do português europeu” (Chimbutane, 1996: 225). Contudo, a caracterização induz em erro se não for feita referência a construções análogas no português falado (europeu), pois as construções detectadas em Moçambique dizem respeito ao português falado e não à norma.

5.4.2.3

Dificuldades com constituintes genitivos

No português falado não é frequente o emprego da forma genitiva do pronome relativo *cujo* (Brauer-Figueiredo, 1999: 453), embora se verifique ainda em situações formais.

Seguem-se alguns exemplos registados no corpus *GP* (Brauer-Figueiredo, 1999: n° 1, 453-454 e n° 2 a n° 5, 454):

1. ... o que se está a dar neste momento como nós sabemos em matéria de cinema por exemplo é o contrário *num* é? são as telenovelas que vêm *p'ra* cá e que não fazem mal nenhum a ninguém porque enriquecem o português de todos nós até porque muitas das palavras eh eh que são novidade *p'ra* cá *p'r'ò* estudioso da língua portuguesa são palavras do século XVI que cujo cujo cujo uso / bom não não prejudicam a sintaxe
2. pago quer dizer não como funcionária pública mas pago um imposto complementar que eh em *qu' i* entra para cujo cálculo entra o meu vencimento também
3. ... e um rapaz que cujo pai como é que é? eh já não me lembro não ligo vejo às vezes mas eu sei a história ...
4. Carlos e Joaquina cujo percurso biográfico tinha sido em parte idêntico ...
5. ... era um homem de Teatro eh cujo valor não não vou nem nem interessa aqui pôr em causa que tinha eh eh bastante valor como encenador ...

Nos três primeiros exemplos são evidentes as dificuldades associadas ao emprego dessa forma no português falado.

5.4.3

Fenómenos relativos à flexão verbal

No artigo n° 434 do *LRL* sobre “Sociolinguística portuguesa” (Matias, 1994: 321-326), a autora observa nas formas verbais “o maior número de variantes relacionadas com o estrato social do falante”, registando algumas variantes não normativas principalmente no estrato social baixo mas com alguma incidência também no estrato social médio (Matias, 1994: 324).

Julgo poder afirmar que muitos destes fenómenos, incluídos até há poucos anos na variedade diastrática, vão entrando gradualmente na variedade diafásica. Embora de aceitabilidade ainda não generalizada, são motivados pela insegurança linguística de alguns falantes pertencentes às camadas “cultural e politicamente influentes”.

Mencionarei quatro fenómenos analisados no corpus *GP*.

- A deslocação analógica do acento na primeira pessoa plural do presente do conjuntivo.²⁰

²⁰ No corpus *GP* essa deslocação foi registada duas vezes no mesmo falante. (Brauer-Figueiredo, 1999: 405)

Matias regista este fenómeno com muita frequência no “estrato social baixo” e com alguma incidência no “estrato social médio” mas não no “estrato social superior”. (Matias, 1994: 324)

- “Regularizações” analógicas, por exemplo na conjugação de verbos irregulares bem como na conjugação pronominal ou reflexiva do futuro e do condicional.

Recentemente registei duas vezes “teria-se” – no discurso oral de um escritor e de uma professora universitária.

- A atribuição de desinências pessoais à preposição em formas do presente do indicativo do verbo haver (*hades* e *hadem* em vez de *hás-de* e *hão-de*)

Matias regista no “estrato social baixo” apenas as formas *hades* e *hadem* (Matias, 1994: 324). No corpus *PF* verificaram-se duas realizações não normativas, no corpus *GP* uma (Brauer-Figueiredo, 1999: 406).

- A concordância não normativa do verbo impessoal com o objecto que se segue

No corpus *PF* verificaram-se onze realizações, no corpus *GP* três (Brauer-Figueiredo, 1999: 406).

Tenho vindo a registar no português falado o emprego cada vez mais frequente de todas estas formas não normativas, principalmente no meio estudantil e universitário mas também no literário, jornalístico e político.

6

Tendências evolutivas registadas em Manuais, Exercícios Práticos e Gramáticas de Português LE ou L2 publicados em Portugal e na Alemanha

Seleccionámos para uma análise pontual

- cinco obras publicadas em Portugal:

NÍVEL LIMIAR Para o ensino / aprendizagem do Português como língua segunda / língua estrangeira (Casteleiro/Meira/Pascoal, 1988); *PORTUGUÊS SEM FRONTEIRAS I* (Leite/Coimbra, (1990, 21995); *GRAMÁTICA ACTIVA I* (Coimbra/Leite, 1994); *PORTUGUESÍSSIMO* (Matos, 1996) e *ESTUDAR O VERBO Exercícios Práticos para Estrangeiros* (Van Achter, 1996); *VAMOS APRENDER PORTUGUÊS/I* (Silva/Miranda/Gonçalves, 1997)

- bem como quatro publicadas na Alemanha:

PRAKTISCHES LEHRBUCH PORTUGIESISCH (Brauer/Brauer, 1975, 131995); *PORTUGIESISCHE GRAMMATIK* (Hundertmark-Santos Martins, 1982, 21998); *GRAMMATIK PORTUGIESISCH* (Caetano/Mayr/Plachy/Ptacek, 1986) e *VERBFORMEN PORTUGIESISCH zum Nachschlagen* (Freire, 1986).

PORTUGUESÍSSIMO “coloca o texto literário ao lado de registos mais próximos da “fala” corrente.” (Matos, 1996: 3)

Em *ESTUDAR O VERBO* os exercícios enquadram a conjugação das formas verbais em contextos frequentes.

“Todas as ocorrências registadas correspondem de facto ao português “tal qual se fala”, cobrindo um vasto leque de valores semânticos que o falante português exprime automaticamente, mas o estrangeiro terá de aprender conscientemente. Por isso mesmo, as propostas não são pensadas na perspectiva de um aprendente de língua materna, e muito menos na de uma gramática teórica convencional, mas sim do ponto de vista das necessidades comunicativas dos estudantes estrangeiros”,

lê-se no Prefácio. (Van Achter, 1996: 7-8)

Em *VAMOS APRENDER PORTUGUÊS/I*pretende-se

“dar àqueles que começam o estudo da língua portuguesa, uma competência de comunicação que lhes permita usar a língua em situações correntes (código oral e código escrito)”. (Silva/Miranda/Gonçalves, 1997: 17)

Abordaremos aqui apenas um tópico:

O uso de *vós* e do verbo na 2ª pessoa do plural

6.1

Nas publicações portuguesas

Sobre o uso das formas *vocês* e *vós*, lê-se em *NÍVEL LIMIAR*:

“A forma **vocês** usa-se para designar dois ou mais alocutores que, individualmente, o locutor designaria com a forma **tu** ou com a forma **você**. O uso de **vocês** conota mais familiaridade do que o uso de **os senhores**, etc. ... O uso da forma **vós** (sujeito de verbo na segunda pessoa do plural) é, actualmente, restrito à região norte de Portugal e ao discurso religioso. Embora a aprendizagem do uso desta forma não se deva fazer na fase de iniciação ao português de estudantes estrangeiros, é de prever que seja usada por alguns aprendentes portugueses emigrantes, cujas famílias sejam originárias do Norte de Portugal. Convém, nestes casos, não recusar o uso da forma **vós**, uma vez que ela é naturalmente empregue no âmbito das relações familiares do aprendente.” (Casteleiro/Meira/Pascoal 1988: 378)

Tanto em *VAMOS APRENDER PORTUGUÊS/I* como em *PORTUGUESÍSSIMO*, em “Pronomes pessoais”, no Apêndice gramatical, *vós* e *vocês* aparecem como formas da 2ª pessoa plural (Silva/Miranda/Gonçalves, 1997: 229, Matos 1996: 148).

Ambos registam *vós* e *vocês* em “Formas de tratamento”. Lê-se em *VAMOS APRENDER PORTUGUÊS/I*:

“A forma de plural correspondente ao singular **tu** é **vós**, forma pouco usada actualmente, limitada ao Norte de Portugal (considerada um regionalismo) e ao discurso político ou religioso. A forma de plural mais usual é: **vocês** (+ verbo na 3ª pessoa do plural)”. (Silva/Miranda/Gonçalves 229).

E em *PORTUGUESÍSSIMO*:

“*Vós*” é uma forma arcaizante, que está restrita ao contexto litúrgico, político, familiar rural. Deliberadamente por razões práticas aparece como paradigma (entre parêntesis) e a par com “*vocês*”, que está largamente difundido no trabalho, nas aulas, em família.” (Matos 151)

O aprendente fica ainda a saber que o tratamento por “*vocês*” leva o verbo para a 3ª pessoa do plural.

Em *PORTUGUÊS SEM FRONTEIRAS I* e em *GRAMÁTICA ACTIVA I* não há qualquer referência à 2ª pessoa do plural; *vocês*, *elas* e *elas* aparecem como sujeito da 3ª pessoa do plural. *GRAMÁTICA ACTIVA I* não inclui nas listas de verbos em apêndice a 2ª pessoa plural (Coimbra/Leite: 106-108); nelas, *vocês*, *elas/elas* e *os srs./as sr.*⁴⁵ são apresentados como sujeito da 3ª pessoa plural.

Recordemos que em 1984 podia ler-se na *Nova Gramática do Português Contemporâneo*:

“O pronome *vós* praticamente desapareceu da linguagem corrente do Brasil e de Portugal. Mas em discursos enfáticos alguns oradores ainda se servem da 2ª pessoa do plural para se dirigirem cerimoniosamente a um auditório qualificado.” (Cunha/Cintra: 287).

Os autores designam este pronome *vós* por “*vós* de cerimónia”.

6.2

Nas publicações alemãs

Em todas elas se inclui a 2ª pessoa plural na conjugação verbal. Surge, porém, entre parêntesis em *PRAKTISCHES LEHRBUCH PORTUGIESISCH* e em *PORTUGIESISCHE GRAMMATIK*.

PRAKTISCHES LEHRBUCH PORTUGIESISCH (Brauer/Brauer, 1995: 98), *PORTUGIESISCHE GRAMMATIK* (Hundertmark-Santos Martins, 1998: 80) e *GRAMMATIK PORTUGIESISCH* (Caetano/Mayr/Plachy/Ptacek, 1986: 168) mencionam que *vós* é antiquado e o seu uso regional, retórico ou característico do discurso religioso e que na linguagem coloquial é substituído por *vocês*, exigindo o verbo na 3ª pessoa do plural. Em *VERBFORMEN PORTUGIESISCH zum Nachschlagen* refere-se que a 2ª pessoa corresponde aos

pronomes pessoais *tu* (singular) e *vós* (plural) e também que há “formas de tratamento que correspondem à 2ª pessoa mas apresentam flexões verbais da 3ª: *você(s), o Senhor, a Senhora, Vossa Excelência*, etc.” (Freire, 1986: V).

7

Conclusões

Os fenómenos e comportamentos linguísticos apresentados reflectem a realidade linguística portuguesa actual mas também alterações radicais no comportamento linguístico da comunidade em questão, sem dúvida relacionadas com as transformações ocorridas na segunda metade do século passado e com o ritmo a que se verificaram: a emigração, o deslocamento da população rural – em parte não escolarizada – para a cidade, a urbanização e industrialização de zonas rurais, a mobilidade social a partir dos anos 70, a massificação do ensino, a influência generalizada dos meios de comunicação social.

Obviamente, as tendências evolutivas que se têm vindo a verificar trazem consequências para o ensino do Português Língua Materna e do Português Língua Estrangeira.

No que respeita ao Português Língua Materna, para a competência linguística no âmbito científico, literário, jurídico ou administrativo – ler, escrever, falar – é indispensável uma aprendizagem e um ensino rigorosos da norma padrão.

Quanto ao ensino do Português Língua Estrangeira, surgem novas exigências e desafios: Enquanto para a competência em língua portuguesa era suficiente, até aos anos 80, a aprendizagem da norma padrão, essa aprendizagem já não satisfaz actualmente as necessidades requeridas para a competência comunicativa – tanto receptiva como de produção. Por outro lado, o aprendente com interesses científicos, literários ou jurídicos terá de dominar a norma padrão, sendo nesse caso obrigado a aprender paralelamente duas normas.

Cumpra a ensinantes de PLE e a autores dos respectivos manuais a considerar estas (novas) necessidades.

8

Referências bibliográficas

- Argote, Jeronimo Contador de: *Regras da lingua portugueza, Espelho da lingua latina*, Lisboa: Mathias Pereira da Silva/João Antunes Pedroso, 1721
- Barros, João, *Gramática da Língua Portuguesa (1540)*, Lisboa, Sociedade Astória, 31957
- Boléo, M. De Paiva: *Estudos de Linguística Portuguesa e Românica*, I,1, Coimbra, Acta Universitatis Conimbricensis, 1974
- Brauer de Figueiredo, Maria de Fátima: „Zweisprachigkeit und Mündlichkeit – einige Merkmale des gesprochenen Portugiesisch“, em: *Akten des 2. gemeinsamen Kolloquiums der deutschsprachigen Lusitanistik und Katalanistik Berlin 1992*, Beihefte zu Lusorama, 1. Reihe, 5., Frankfurt a. Main, TFM/Domus Editoria Europaea, 1993: 101-145
- Brauer, Fátima/Brauer, Uwe: *Praktisches Lehrbuch Portugiesisch*, Berlin, München, Langenscheidt Verlag ¹³1995
- Brauer-Figueiredo, Maria de Fátima Viegas: *Gesprochenes Portugiesisch*, Frankfurt/M, TFM, 1999
- Caetano, José A. Palma/Mayr, Johannes J./Plachy, Renate/Ptacek, Franz: *Grammatik Portugiesisch*, München, Max Hueber Verlag, 1986
- Casteleiro, J. Malaca: “Aspectos da Sintaxe do Português Falado no Interior do País”, em: *Boletim de Filologia*, XXIV, 1975: 57-74
- Casteleiro, João Malaca/Meira, Américo/Pascoal, José: *NÍVEL LIMIAR Para o ensino / aprendizagem do Português como língua segunda / língua estrangeira*, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1988

- Castilho, Ataliba Teixeira / Preti, Dino (Org.): *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*, I-IV, São Paulo, T. A. Queiroz, Editor / FAPESP, (1986-1990)
- Chimbutane, Feliciano. “A estratégia de pronome resumptivo na formação de orações relativas de OD e de OBL do português de Moçambique”, em: Duarte/Miguel (Org.), *Actas do XI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Volume III: Gramática e Vária*, Lisboa, 1996: 225-248
- Coimbra, Olga Matos/Leite, Isabel Coimbra: *GRAMÁTICA ACTIVA 1*, Lisboa-Porto-Coimbra, LIDEL, 1994
- Cunha, Celso / Cintra, Lindley: *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa, Edições Sá da Costa, 1984
- D’Achille, Paolo: *Sintassi del parlato e tradizione scritta della lingua italiana*, Roma, Bonacci Editore, 1990
- Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, Lisboa, Editorial Verbo, 2001
- Ferreira, Vergílio: *Na tua face*, Venda Nova, Bertrand Editora, 1993
- Figueiredo, Olívia Maria/Bizarro, Rosa Porfíria: *Da Palavra ao Texto*, Porto, Edições ASA, 1994
- Franco, António: “Estruturas fráscas abreviadas em português e alemão. Alguns aspectos da linguagem espontânea falada”, em: Lüdke/Schmidt-Radefeldt (Org.), *Linguística Contrastiva: Deutsch versus Portugiesisch-Spanisch-Französisch (2. Internationales linguistisches Kolloquium 1990 in Kiel)*; Tübingen, Gunter Narr Verlag 1997: 55-77
- Freire, N. A.: *Verbformen Portugiesisch zum Nachschlagen*, München, Max Hueber Verlag, 1986
- Hundertmark-Santos Martins, Maria Teresa: *Portugiesische Grammatik*, Tübingen, Niemeyer, 1998
- Innhoffen, Nicola: „Spanisch: Gesprochenen und geschriebene Sprache“, 375, in Holtus/Metzeltin/Schmitt (Org.), *Lexikon der Romanistischen Linguistik*, VI,1, Tübingen, Niemeyer, 1992: 233-253
- Koch, Peter/Oesterreicher, Wulf: *Gesprochene Sprache in der Romania: Französisch, Italienisch, Spanisch*, Tübingen, Max Niemeyer, 1990
- Leite, Isabel Coimbra/Coimbra, Olga Mata: *Português Sem Fronteiras 1*, LIDEL Lisboa, Porto, Coimbra, 1995
- Lexikon der Romanistischen Linguistik*, IV, V,1 VI,1, VI,2, Holtus, Günter/Metzeltin, Michael Schmitt, Christian (Org.), Tübingen, Niemeyer, 1988, 1992, 1994
- Mateus, Maria Helena Mira / Brito, Ana Maria / Duarte, Inês / Faria, Isabel Hub; *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa, Caminho, 1989
- Matias, Maria Fátima de Rezende: „Portugiesisch: Soziolinguistik“, 434, em Holtus/Metzeltin/Schmitt (Org.), *Lexikon der Romanistischen Linguistik*, VI,2, Tübingen, Niemeyer, 1994: 321-326
- Matos, Maria de Fátima Braga: *PORTUGUESÍSSIMO Manual de iniciação à língua portuguesa para estrangeiros*, Porto, Porto Editora, 1996
- Moreira, Júlio, *Estudos da Língua Portuguesa. Subsídios para a Sintaxe Histórica e Popular*, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1922
- Moura, Vasco Graça: *Circunstâncias vividas*, Lisboa, Bertrand Ed., 1995
- Müller, Bodo: “Französisch: Gesprochenen Sprache und geschriebene Sprache”, 307, em Holtus/Metzeltin/Schmitt (Org.), *Lexikon der Romanistischen Linguistik*, V,1, Tübingen, Niemeyer, 1988: 195-211
- Nascimento, M. Fernanda Bacelar / Marques, Maria Lúcia Garcia / Cruz, Maria Luísa Segura: *Português Fundamental. Métodos e Documentos*, 2 vol., Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1987
- Peres, João Andrade / Mória, Telmo: *Áreas Críticas da Língua Portuguesa*, Lisboa, Editorial Caminho, 1995
- Raposo, Eduardo Paiva, Teoria da gramática. A faculdade da linguagem, Lisboa, Caminho, 1992
- Silva, Jorge Dias/Miranda, Maria Manuela Cavaleiro/Gonçalves, Maria Manuela Granés: *Vamos Aprender Português/1*, Lisboa, Plátano Editora, 1997

- Söll, Ludwig: „Aspekte der französischen Gegenwartssprache“, em: Hausmann, Franz Josef (Org.): *Die Französische Sprache von heute*, Darmstadt, Erich Schmidt Verlag, 1983, 286-305
- Teyssier, Paul, *Manuel de langue portugaise (Portugal-Brésil)*, Paris, Klincksieck 1976
- Van Achter, Erik: *ESTUDAR O VERBO Exercícios Práticos para Estrangeiros*, Coimbra, Minerva, 1996
- Vasconcelos, José Leite de, *Esquisse d'une Dialectologie portugaise*, Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 1970
- Vilela, Mário, *Dicionário do Português Básico*, Porto, Edições ASA, s. d.
- Vilela, Mário, *Gramática da Língua Portuguesa: Gramática da Palavra Gramática da Frase Gramática de Texto*, Coimbra, Livraria Almedina, 1995